



AS REINAÇÕES DE NARIZINHO: CONSUBSTANCIALIDADE ENTRE RAÇA, CLASSE E GÊNERO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

Fabiana Soares de Araújo da Hora
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: fabiana.educ19@gmail.com

Márcia Lemos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: marcia.lemos@uesb.edu.br

722

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa possui como objetivo geral realizar um estudo da obra *Reinações de Narizinho* a partir da formação social brasileira e da consubstancialidade entre raça, classe e gênero no trabalho do autor Monteiro Lobato. Nesta perspectiva, a literatura é compreendida como uma forma de linguagem escrita que pode dar acesso às dinâmicas sociais e aos modos de pensar que veicularam as teorias raciais no Brasil do início do século XX. A análise das *Reinações de Narizinho*, por meio das falas das personagens Tia Nastácia, Emília, Narizinho e Dona Benta e dos enunciados sobre a primeira, permite destacar como o discurso racista de Lobato está imbricado na hierarquia de classe e gênero, expondo como o processo de subjetivação da mulher negra também é atravessado pela literatura infantil.

Considera-se que a análise aqui proposta pode contribuir com a compreensão das determinações que estruturam as desigualdades sociais no Brasil e auxiliar no debate sobre o lugar da literatura infantil na formação dos sujeitos sociais e na reprodução das opressões. Para tanto, esta pesquisa aborda a literatura enquanto expressão estética articulada a circunstancialidade da sua produção, numa perspectiva dialética e não mecânica da interação entre autor e sociedade.

METODOLOGIA

A metodologia selecionada para o desenvolvimento desta pesquisa é de natureza histórico-sociológica, balizada pela perspectiva polifônica de Bakhtin, que torna possível compreender como Lobato utilizou-se de distintas vozes para enunciar suas ideias. A polifonia, de acordo com Bakhtin (2002, p. 4), trata-se de uma “multiplicidade



de vozes e consciências independentes e imiscíveis” que fazem com que as palavras ganhem novas semânticas.

No sentido de proceder à análise proposta, as falas de Tia Nastácia, Emília, Narizinho e Dona Benta estão sendo fichadas e sistematizadas num quadro para identificar as palavras e enunciados que denotam raça, classe e gênero no discurso do autor. Posteriormente, esse quadro será cotejado com as ideias que sustentavam as teorias raciais do início do século XX no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação social do Brasil é indissociável do capitalismo, do patriarcado e da racialização de sua população. Isso porque, o modo de produção, no qual o capital se constrói, tem como essência a extração máxima do trabalho excedente dos produtores (MÉSZAROS, 2002) e seu inconciliável antagonismo de classes expresso nas desigualdades social, racial e de gênero.

Nesta formação, a elite branca tem privilégios garantidos pelos aparelhos ideológicos do estado capitalista brasileiro que, por exemplo, por meio da Constituição de 1934, instituíram direitos e garantias para os grandes latifundiários, enquanto a população escravizada, após a libertação formal, em 1888, precisou permanecer em situação de subordinação nas terras de seus antigos senhores e conviver com o racismo cotidianamente.

Em *Reinações de Narizinho*, no capítulo “o Palácio”, há uma fala de Dona Carochinha sobre tia Nastácia, deixando bem evidente o ato de diminuí-la enquanto mulher das classes populares, mas, especialmente, como negra “[...] ela está a resmungar que nem uma negra beijuda. O príncipe respirou de alívio ao ver o incidente terminado (LOBATO, 1956, p.5).” Esse tipo de ato é constitutivo do processo de invenção do homem e da mulher negra, de modo geral, inferiorizados e destituídos de inteligência pelo colonizador branco, segundo Fanon (2008).

Quando se pensa em polifonia como vozes que denotam concepções sociais, uma frase pode designar vários sentidos. Sendo assim, há uma perspectiva racista de Lobato, por meio das expressões abaixo, sendo a primeira numa fala de Emília, enquanto que a segunda citação, pensamentos do narrador:



A negra pendurou o beijo. — Credo! Até parece feitiçaria! —
resmungou (LOBATO, 1956, p.26).

Na casa ainda existem duas pessoas — tia Nastácia, negra de
estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de
pano bastante desajeitada de corpo (LOBATO, 1956, p.2).

Tia Nastácia, “negra de estimação” desfruta da afetividade da matriarcal família
branca para a qual trabalha e, ao mesmo tempo, apesar de suas breves, mas muito
significativas incursões pela sala e varanda, encontra no espaço da cozinha emblema de
seu confinamento e de sua desqualificação social, acompanhada das falas de uma das
personagens que fomenta os estereótipos da época. Assim, o sistema escravista
reproduziu e reproduz as desigualdades pós-abolição, no qual a pós-industrialização não
eliminou a raça (MOURA, 1992), tão pouco o trabalho doméstico realizado por
mulheres negras.

A expressão “coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não
gosto, e não gosto!” (LOBATO, 1931, p.132), além de ser de fato pejorativa, é de
permanência escravista e já aparecia na obra *A Menina do Narizinho Arrebitado*,
publicada onze anos antes (1920), que deu início às histórias do *Sítio do Pica-Pau
Amarelo*. Nesse viés, Moura (1988) traz à tona que a imigração europeia durante e antes
da abolição da escravatura era de interesse de uma fração da elite brasileira. Não era
somente importar a força de trabalho, mas inserir pessoas com características
semelhantes à elite branca, de tal maneira que, dentro da ideologia movida pelas teorias
raciais, o negro fosse totalmente excluído, restando-lhes então, o trabalho livre – mas
livre de direitos.

De acordo Davis (2016, p. 17), esse tipo de descaso ocorre justamente porque no
sistema escravista, os negros eram tratados como coisas, “eram vistos apenas como
unidades de trabalho lucrativo e não como seres humanos” Dentro desta realidade
histórica concreta, as mulheres negras eram oprimidas. Sobre elas, de maneira
recorrente, foram criadas práticas de exploração e estratégias políticas de coerção,
dominação e controle, as quais interferem de maneiras contraditórias nas
identidades/vidas dessas mulheres até hoje, como é possível verificar em *Reinações*,
durante uma reunião da família branca narrada por Narizinho, quando dona Benta
chama Nastácia:

— A boneca de Narizinho está falando!... A boa negra deu uma risada
gostosa, **com a beijaria inteira** [...] A negra abriu **a maior boca do
mundo**. — E fala mesmo, sinhá!... — exclamou no auge do assombro
(LOBATO, 1956, p.19).



[...]dona Benta ficou tão impressionada que disse para a **boa negra**[...] (LOBATO, 1956, p.22).

A expressão que mais se destaca é “boa negra”, como se quisesse afirmar que a maior parcela das negras é má. No livro, *Reinações de Narizinho*, o racismo estrutural é também expresso na fala da personagem Narizinho:

Na casa ainda existem duas pessoas — tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobrelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira (LOBATO, 1956, p.2).

725

Há de se compreender que, embora no texto apresente um período posterior à abolição da escravatura e constituição do trabalho assalariado, persiste a subordinação da mulher negra. Isso porque, no Brasil ainda “ocorre uma reconfiguração das diversas opressões de classe, sexo e raça” (DAVIS, 2016, p. 77).

Nesta mesma perspectiva, Saffioti (2013) chama a atenção de que os caracteres sexuais, raciais e de classe operam como marcas sociais que permitem hierarquizar os membros da sociedade de acordo com “as necessidades e conveniências do sistema produtivo de bens e serviços” (SAFFIOTI, p. 60). Nota-se, portanto, a necessidade de discutir tal temática no contexto atual, refletindo sobre os sentidos da literatura na subjetivação da mulher negra, tendo como referência a personagem Tia Nastácia.

CONCLUSÕES

O racismo permanece estruturante do sociometabolismo do capital no século XXI, na sociedade brasileira. Nesse contexto, a literatura funciona como fundamental para espriar a ideologia dominante ou ressignificar os modos de pensar. No texto analisado verificou-se como as palavras proferidas pelas personagens trazem consigo vozes que norteiam o diálogo. Com efeito, as personagens Emília, tia Anastácia, Dona Benta e Narizinho, embora tragam o encanto proposto pela literatura infantil, enunciam o racismo e sua consubstancialidade-coextensividade com a hierarquia de classe e gênero, educando gerações dentro dos padrões do colonizador branco.

PALAVRAS-CHAVE: Monteiro Lobato. Consubstancialidade. Raça. Classe. Gênero.

Realização:



Apoio:





REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 3. ed. Traduzido por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo: Ática, 1985.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Trad. Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo, Editora da UNICAMP/BOITEMPO Editorial, maio de 2002.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

_____. **História do negro brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

Fonte literária:

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1956.